

AS SEMENTES DO PASSADO E OS FRUTOS DO AMANHÃ: AS INFLUÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES DO TEMPO NOS TRAÇOS CULTURAIS DO ACAMPAMENTO DOS AGREGADOS DO MUNICÍPIO DE ROSANA, SÃO PAULO

THE SEEDS OF THE PAST AND THE FRUITS OF TOMORROW: THE TRANSFORMATIONS AND INFLUENCES OF THE TIME IN THE CULTURAL TRAITS ON THE ACAMPAMENTO DOS AGREGADOS OF ROSANA, SÃO PAULO

LAS SEMILLAS DEL PASADO Y LOS FRUTOS DE MAÑANA: LAS TRANSFORMACIONES Y LAS INFLUENCIAS DEL TIEMPO EN LOS RASGOS CULTURALES DEL ACAMPAMENTO DOS AGREGADOS DEL MUNICIPIO ROSANA, SÃO PAULO

**ROSÂNGELA CUSTODIO CORTEZ THOMAZ¹
LEONARDO GIOVANE MOREIRA GONÇALVES²**

¹ Pós-doutorado em Turismo pela Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha, Professora Assistente Doutora do Curso de Turismo da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rosana/SP, Professora Assistente Doutora do Programa de Pós-graduação em Geografia da UNESP de Presidente Prudente/São Paulo (SP), Brasil, CEP: 19273-000, Tel.: (+55 18) 3284.9647, rosangela.thomaz@unesp.br, <http://orcid.org/0000-0001-7118-0000>

² Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rosana/SP, Tecnólogo em Hospedagem pela Escola Técnica Estadual (ETEC), Atibaia/SP, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Turismo no Espaço Rural (GEPTER), São Paulo (SP), Brasil, CEP: 19273-000, Tel.: (+55 11) 4539.9134, leonardo.giovane@unesp.br, <http://orcid.org/0000-0002-4251-4806>

Histórico do Artigo:
Recebido em 20 de dezembro de 2018.
Aceito em 02 de Abril de 2019.

RESUMO

O presente artigo buscou entender se houveram mudanças e influências nos traços culturais dos acampamentos de reforma agrária do presente em contraste com os do passado. Para lograr tais objetivos, foi realizada uma visita e quatro entrevistas no Acampamento dos Agregados do município de Rosana/SP para entender seus traços culturais e, de uma pesquisa bibliográfica e documental com o intuito de compreender os relatos orais evidenciados. A fim de analisar as diferenças dos traços culturais entre o presente e passado, utilizou-se relatos anteriores presentes no banco de dados do futuro Museu do Assentado e, a presença da líder do acampamento durante a visita. Assim, observou-se que os traços culturais relacionados a conservação de alimentos, hábitos alimentares, construção das moradias, hábitos cotidianos e outros traços culturais sofreram alteração em função do espaço-tempo.

Palavras-chave: Traços culturais. Transformações. Acampamentos. Reforma agrária. Museu do Assentado.

ABSTRACT

This paper sought to understand whether there have been changes and influences in cultural traits of the agrarian reform camps of this in contrast with those of the past. To achieve these goals, was held a visitation and four interviews in the *Acampamento dos Agregados* of Rosana/SP to understand their cultural traits and a bibliographical research and documentation in order to understand the oral reports evidenced. In order to analyze the differences of cultural traits between the present and past, previous reports was present in the database of the future *Museu do Assentado* and the presence of the leader of the camp during the visit. Thus, it was observed that the cultural traits related to preserving food, eating habits, construction of houses, daily habits and other cultural traits have suffered alteration in function of space-time.

Keywords: Cultural traits. Transformations. Camps. Land reform. The Assentado's Museum.

RESUMEN

Este artigo buscou conhecer se houve mudanças e influências nos traços culturais dos campos da reforma agrária de presente em contraste com os do passado. Para alcançar estes objetivos, realizou-se uma visita e quatro entrevistas no *Acampamento dos Agregados* de Rosana/SP para compreender seus traços culturais e uma investigação bibliográfica e documentação para entender os relatos orais. Com o fim de analisar as diferenças de traços culturais entre presente e passado, o relatório anterior esteve presente na base de dados do futuro Museu do Assentado e a presença do líder do campo durante a visita. Assim, observou-se que os traços culturais relacionados com a conservação de alimentos, hábitos alimentares, construção de moradias, hábitos diários e outros traços culturais sofreram alteração na função do espaço-tempo.

Palavras chave: Traços culturais. Transformações. Campos. Reforma da terra. Museu do Assentado

INTRODUÇÃO

Localizado no extremo Sudoeste do Estado de São Paulo, o Pontal do Paranapanema é pertencente à região Alta Sorocabana do extremo oeste do Estado de São Paulo; delimitada pelos rios Paranapanema; fronteira com o Estado do Paraná; e Paraná; fronteira com o Estado do Mato Grosso do Sul. A atividade econômica predominante na região é a agropecuária, dado que a estrutura fundiária da mesma está baseada em latifúndios localizados em terras pertencentes ao Estado, que foram griladas em anos passados (THOMAZ, 2013, p. 5)

Explica-se ao leitor que a expressão grilagem faz menção a uma antiga prática de posseiros de envelhecer documentos forjados para adquirir a posse ilegais de terras. Estes documentos eram postos em caixas com grilos, que ao defecarem davam um aspecto envelhecido aos documentos.

A apropriação do Pontal foi marcada por inúmeros fatores desumanos e ilegais, como o extermínio dos indígenas, grilagem de terras, desmatamento, comercialização e ocupação de terras. Um dos grandes grilos que aconteceram foi o da fazenda Pirapó-Santo Anastácio, tendo preceitos empresariais, dando origem a inúmeras outras fazendas (SOBREIRO FILHO, 2013, p. 52)

A marcha para o Oeste Paulista foi impulsionada pelo modelo capitalista de produção. Dessa forma, como existiam inúmeras terras a Oeste do estado, várias ações pioneiras se formalizaram para explorar a nova área e incorporar esses espaços ainda não utilizados para o plantio (SOBREIRO FILHO, 2013, p. 54)

Sobreiro Filho (2013, p. 93) expõe que por conta dos inúmeros 'grilos' que ocorreram, em 21 de fevereiro de 1891, o Ministério da Agricultura foi favorável a alocação de colonos estrangeiros nas terras da Fazenda Pirapó-Santo Anastácio (que era uma terra grilada posteriormente). Com isso intensificou a vinda de migrantes para a região, pois muitos consideraram que essa era uma terra devoluta. Dessa forma aconteceu um processo de grilagem dentro de uma terra já grilada.

Contudo, o surgimento das cidades se intensificou por volta de 1951, com a Estrada de Ferro Sorocabana que decidiu criar um ramal saindo de Presidente Prudente/SP até as barrancas do Rio Paraná (LEITE, 1998, p. 95).

Segundo Leite (1998, p. 97) no ponto final dos trilhos a firma Camargo Correia, decidiu fazer uma cidade. O município se chamaria Rosana, nome de uma das filhas de Sebastião Camargo, a cidade seria cercada por lotes rurais, chácaras, sítios e fazendas. Contudo, a estrada não foi finalizada até a atualidade.

É visto que os conflitos pela posse de terra sempre foram marcantes no Pontal do Paranapanema e só tiveram uma diminuição com a construção das usinas hidrelétricas de Porto Primavera/SP, no rio Paraná, e, em Rosana/SP e Taquaruçu, no rio Paranapanema e a instalação da Destilaria de Alcool Acídia no município de Teodoro Sampaio/SP (PAIÃO, 2001, p. 40).

Segundo Paião (2001, p. 39) após o término das usinas hidrelétricas de Porto Primavera/SP, Rosana/SP e Taquaruçu, que geraram cerca de 30 mil empregos para região,

muitos empregados foram demitidos. Diante disso muitos trabalhadores continuaram na região sem perspectiva de trabalho, fechamento dos estabelecimentos e crise econômica, estes se viram obrigados a voltar para o campo.

Surge nesse período o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST, que começa a exercer forte pressão sobre o governo e nos fazendeiros, pelo fato das terras da região ser devolutas e pertencem ao Estado, logo, deveriam sofrer o processo da reforma agrária (PAIÃO, 2001, p. 40)

Em julho de 1990 o MST fez a sua primeira ocupação no Pontal, especificamente no município de Teodoro Sampaio/SP, iniciando assim o quadro de luta por terras no oeste paulista (FERNANDES; RAMALHO, 2001).

Segundo Pimentel (2005, p.125), até o ano de 2001, a região do Pontal possuía 88 assentamentos rurais, distribuídos em 16 municípios. Destes, Mirante do Paranapanema/SP era o que mais possuía assentamentos, 33% do total. Até meados de 2001 o município de Rosana, que está localizado no extremo Oeste do Estado de São Paulo, possuía três assentamentos, que eram os assentamentos: Nova Pontal, Bonanza e Gleba XV de Novembro, com 717 famílias assentadas em uma área de 17240 hectares e, em 2005 foi instituído o assentamento de reforma agrária Porto Maria (FERNANDES; RAMALHO, 2001).

Segundo o Censo 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população do Município era de 19.691 habitantes, desses 80% estão na cidade, e atualmente com a implantação do Assentamento de Reforma Agrária no Porto Maria, em 2008, o município possui quatro assentamentos, com mais de oitocentas famílias de agricultores.

Uma vez entendido o processo de territorialização do espaço geográfico do Pontal do Paranapanema, torna-se possível discursar sobre a importância deste processo para a geração de traços culturais, pois assim como afirma Leal e Fonseca (2009, p.3) “a apropriação do território por um grupo social é um processo gerador de raízes e identidade entre os indivíduos, e desse modo o grupo passa a não poder ser mais compreendido sem o seu território, base de sua história, cultura e sustentação”.

Deste modo, utilizado o entendimento de Milton Santos ao afirmar que “o território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2006, p. 14).

Desenvolve-se no município de Rosana/SP, o projeto “O Museu do Assentado” que tinha como intuito inventariar o patrimônio material e imaterial dos quatro assentamentos de reforma agrária, por meio das memórias de seus viventes, para a constituição do futuro Museu do Assentado.

Assim, o presente trabalho, como parte de uma pesquisa desenvolvida há cinco anos, busca entender se houveram mudanças no universo cultural, político e social dos acampamentos para de reforma agrária, em função do espaço-tempo. Em outras palavras, entender se as inovações tecnológicas, avanços científicos, economia, política e outros fatores alteraram e influenciaram os traços culturais (saberes, fazeres e dizeres) que existiam outrora durante o período de acampamento, baseando-se em relatos orais do Acampamento dos Agregados do Município de Rosana e de assentados do assentamento Gleba XV de Novembro, situado em Rosana/SP.

METODOLOGIA

Entende-se que inúmeras metodologias poderiam ser utilizadas com o intuito de obter resultados e aprofundar as análises dos objetivos propostos no presente trabalho, assim como

se pode observar que “hoje o conhecimento do turismo é construído através de uma variedade de meios. Alguns dos meios são mais exigentes do que outros [...]” (GUNN, 1994, p.4).

Destarte, com o intuito de lograr os objetivos pretendidos o presente trabalho os pesquisadores realizaram uma visita in loco ao Acampamento dos Agregados, situado no período na agrovila no centro do assentamento Gleba XV de Novembro, no dia 20 de maio de 2016. Junto aos pesquisadores, acompanhava a líder do assentamento e responsável pelo a senhora Eleonice Nascimento.

Na oportunidade, utilizando-se da metodologia da história oral, munidos de um roteiro de entrevista, os pesquisadores entrevistaram quatro acampadas, as senhoras: Luciene Silva, Irinéia Silva, Eleonilda Mota e Iolanda Santos. As entrevistas tinham como intuito entender e documentar quais eram os saberes, fazeres e dizeres daquele presente momento e, assim, confrontar com relatos orais anteriores sobre os acampamentos de reforma agrária.

A história oral foi utilizada em todo o projeto do “O Museu do Assentado” pois “a história oral não é apenas uma técnica para coletar informações, mas uma metodologia de pesquisa que produz uma fonte especial, um meio para a produção de novos conhecimentos” (LANG, 2013, p. 73).

A escolha das entrevistadas diretamente e, os demais atores sociais presentes no Acampamento dos Agregados, foi realizada pela própria responsável pelo acampamento, a senhora Eleonice (VINUTO, 2014). No entanto, a líder, possuía conhecimento do perfil de entrevistados que seria condizente com os objetivos da pesquisa, sendo este perfil: estar desde o início no acampamento, permanecer diariamente no barraco de lona e participar das ocupações e assembleias do movimento.

Evidencia-se ao leitor, que as entrevistas foram gravadas em um aparelho celular, obtendo o consentimento dos atores sociais e, posteriormente transcritas na íntegra. Deste modo, parte dos relatos documentados foram utilizados para a realização deste trabalho e, a transcrição original, bem como seu áudio, encontram-se disponíveis no banco de dados do futuro Museu do Assentado.

Sobre o roteiro de entrevistas, este possuía perguntas sobre os hábitos alimentares, dificuldades cotidianas, métodos de construção das moradias, lembranças sobre ocupações, rotina diária e outros questionamentos afim de evidenciar e caracterizar os traços culturais e os hábitos cotidianos do Acampamento dos Agregados (THOMPSON, 1992)

A evidenciação das diferenças sobre os acampamentos do passado em detrimento a do presente, tornou-se possível por meio de entrevistas anteriores realizadas pelo projeto “O Museu do Assentado”, mas, em especial, por meio dos relatos de Eleonice Nascimento que acompanha a visitação.

Salienta-se, que neste trabalho também fora utilizada a experiência empírica e a observação participante dos pesquisadores que desenvolvem o projeto “O Museu do Assentado” há cinco anos e, outros projetos de turismo rural com a comunidade há mais de dez anos.

Com o intuito de analisar os relatos orais documentados e incitar as discussões, utilizou-se também de uma pesquisa bibliográfica exploratória e documental em livros, artigos, revistas, cartilhas e demais documentos que versassem sobre os temas e conceitos elucidados pelas entrevistadas.

Destaca-se que os pesquisadores se reservam no direito de utilizar os nomes reais dos entrevistados, primeiramente pelo fato dos mesmos terem autorizado a veiculação de seu nome em materiais científicos por meio de um Termo de Consentimento de Uso de Entrevista e, porque se acredita que a oralidade possui personalidade, atores e protagonistas de sua própria história e descartar seus nomes seria apagar sua identidade, trajetória, memórias e significação.

A CONSTITUIÇÃO DO FUTURO MUSEU DO ASSENTADO

O projeto “O Museu Assentado” buscou em sua fase inicial inventariar quais são os traços culturais, materiais e imateriais, inerentes à trajetória de vida e origem dos assentados do município de Rosana/SP que futuramente poderiam compor o acervo do Museu. Basicamente o pressuposto inicial é realizar um inventário e diagnóstico de quais são os elementos culturais destes assentamentos e, em um segundo momento, partindo da catalogação das fotos, objetos, móveis, relatos orais, documentos e outros elementos, com o auxílio de entidades competentes no âmbito da museologia, findar a implantação do Museu.

O projeto foi desenvolvido inicialmente, por meio das iniciações científicas: “Patrimônios e lares turísticos: o Museu do Assentado no município de Rosana/SP”, financiado pelo Pibic/CNPq (2015-2016), e “Turismo cultural rural: o Museu do Assentado no município de Rosana/SP”, financiado pela FAPESP (2017-2018). E teve apoio logístico da UNESP- Campus de Rosana, ITESP e Prefeitura do Município de Interesse Turístico de Rosana/SP.

Sendo essa uma iniciativa pioneira, o projeto, em todas as suas fases, bem como a inventariação, implantação e gestão do espaço museal, estrutura-se em quatro eixos principais: a reconstrução dos traços tradicionais, a salvaguarda do patrimônio, a disseminação cultural e, por fim, utilizando-se da educação patrimonial, por meio da atividade turística, objetivando a desmistificação dos estigmas construídos pela mídia de massa a respeito dos assentamentos de reforma agrária.

De cunho coletivo, o acervo do futuro Museu do Assentado está sendo disponibilizado pelos próprios assentados que compartilham suas memórias, doam objetos, fotos e outros elementos que um dia se fizeram presentes em sua trajetória de vida e origem. Assim, com a construção coletiva e futuramente uma gestão comunitária, objetiva-se a instauração de um espaço de reconhecimento, o qual os assentados possam ver a história, se identificar como atores protagonistas e se empoderar de seus hábitos e costumes.

A TRAJETÓRIA DO ACAMPAMENTO DOS AGREGADOS DO MUNICÍPIO DE ROSANA

O Acampamento dos Agregados foi uma estratégia de militância de mais de trinta e três famílias de filhos, irmãos e outros parentes próximos de assentados, que tinham como intuito conquistar a concessão do uso da terra. A militância dos agregados havia iniciado sua trajetória em 2014 e, no momento da visita, 20 de maio de 2016, os militantes estavam acampados na agrovila situada no setor 2 do assentamento de reforma agrária Gleba XV de Novembro.

A maioria dos militantes acampados, são descendentes de assentados do assentamento Gleba XV de Novembro, que surgiu em decorrência da finalização das obras nas usinas hidrelétricas que estavam sendo construídas em Rosana/SP e em Sandovalina/SP, que já haviam gerado cerca de trinta mil empregos e desapropriado quilômetros de terras na região (IOKOI, et al, 2005, p. 80). Por conta dessa instabilidade econômica, política e social:

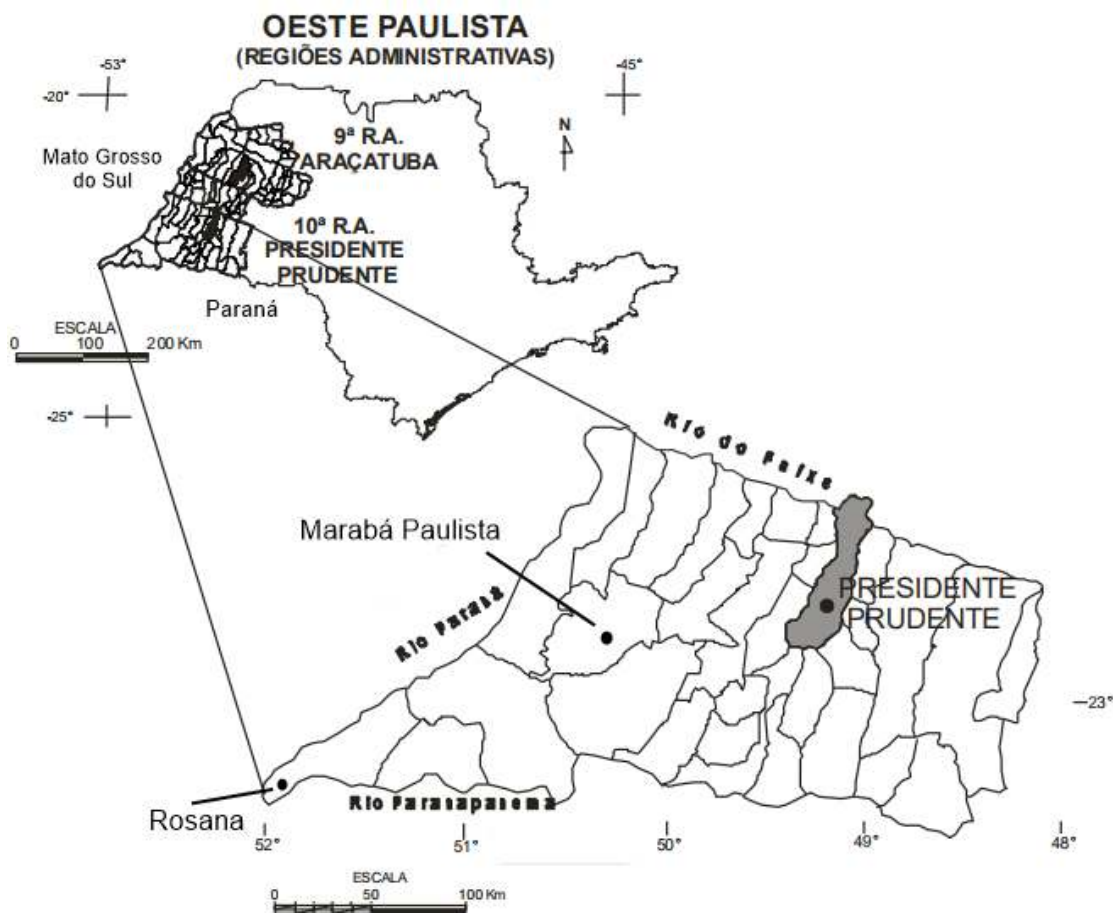
No dia 15 de Novembro de 1983, cerca de 800 trabalhadores, vindos em sua maioria dos municípios de Rosana, Euclides da Cunha Paulista, Teodoro Sampaio, Mirante do Paranapanema, e de outros municípios de São Paulo e do Paraná, realizaram a primeira ocupação organizada de terras no Pontal do Paranapanema: entraram nas fazendas Tucano e Rosanela, localizadas em Teodoro Sampaio, reivindicando sua desapropriação para que lá pudessem plantar e viver (IOKOI, et al., 2005, p. 80).

Após essa ocupação os trabalhadores retiraram seus barracos das fazendas e montaram um novo acampamento que durou cerca de seis meses nas margens da Rodovia Arlindo Bétio, SP 613, entre os quilômetros 23 e 29. Por fim, por meio do Decreto n. 22.034 de 1984 o governo de Franco Montoro desapropria uma faixa de terra que cortava dezessete fazendas, totalizando 15.000 hectares, para instituir o primeiro assentamento do estado de São Paulo após o período do Governo Militar, beneficiando assim, cerca de quinhentas famílias (IOKOI, et al, 2005, p. 80).

Segundo Eleonice Nascimento (também conhecida como Dona Nice), assentada líder da Gleba XV de Novembro, que acompanhou nossas entrevistas, a fixação do Acampamento dos Agregados na agrovila no centro da Gleba XV de Novembro era recente, datada do final do carnaval de 2016. Eleonice informou que os acampados ocuparam a fazenda Miro Conte, próximo ao assentamento Porto Maria e, após uma ordem de despejo o acampamento foi montado na beira da rodovia, sendo posteriormente montado no centro da agrovila.

Na atualidade as famílias entrevistadas já foram assentadas após um período de quase quatro anos vivenciando o barraco de lona. As famílias foram assentadas nas antigas terras da Fazenda Nazaré em outubro de 2017, no município de Marabá Paulista/SP (Figura 1). Além disso, ressalta-se que este assentamento intitulado Governador André Franco Montoro, possui 235 lotes e se soma há outros 6 assentamentos presentes na localidade. (TV FRONTEIRA, 2017)

Figura 1- Mapa da Região do Pontal do Paranapanema



Fonte: Barone, Melazzo e Silva (2011, adaptado).

Os quatro anos de transições, conflitos, arguições e superações que vivenciaram os militantes no Acampamento dos Agregados deixaram marcas na memória, aprendizados, saberes, fazeres e dizeres que poderão ser visualizados e compreendidos nos itens a seguir.

A VIDA NOS ACAMPAMENTOS: ONTEM E HOJE

Conforme explanado anteriormente, os pesquisadores visitaram o Acampamento dos Agregados em companhia da líder do assentamento Gleba XV de Novembro e representante dos agregados, Eleonice Nascimento. A presença de Eleonice permitiu uma rememoração ao passado e a elucidação dos contrastes entre os acampamentos de hoje e de ontem.

Com o objetivo de entender o acampamento na atualidade e os traços culturais intrínsecos a este território, questionamos Eleonilda Mota como era a vida no barraco de lona na atualidade, segundo a acampada: “[...] muito difícil mas a gente luta né, porque se a gente luta, vamos lutar até o fim, pra ver até onde vai. Se a gente começou a lutar tem que seguir em frente” (MOTA, 2016). Já outra acampada, Iolanda Santos, mencionou que:

[...] bão, bão não é não! Mas como a gente está lutando para pegar um pedacinho de terra pra gente sobreviver, aí a gente faz das tripas coração né, para poder ver se a gente consegue um lotinho, porque hoje em dia, ce vê que emprego, emprego hoje tá difícil, então você pegando assim um lote, para você trabalhar dentro do seu lote, para você, é melhora né (SANTOS, 2016)

As dificuldades e anseios pela conquista da terra, discursados pelas entrevistadas, se assemelham a outrora, conforme evidenciado por Eleonice durante a visita. Segundo Eleonilda, as principais dificuldades eram o “serviço né, porque se tem serviço a gente tem as coisas, e se não tem serviço a gente não tem. Então, é mercadoria [...], essas coisas aí, o mais difícil mesmo é mercadoria. Porque a gente já tá velha, a gente fica velha e tem que enfrentar a vida” (MOTA, 2016).

Luciane Silva, afirmou que sua principal dificuldade é:

O mais difícil é que a gente tá esperando uma cesta básica que nunca sai, né Dona Nice? Nós estamos quase dois anos acampado aqui e nunca peguemos uma cesta de INCRA. A assistência manda cesta pra vir e nunca vem! Então não é fácil, serviço quase não tem pra gente trabalhar é difícil não é fácil (SILVA, 2016)

A falta de auxílios, bem como empregos, também foi observado na fala de Irinéia Silva (2016), que afirmou que “[...] a gente precisa de auxílio, não tem aquela estrutura toda, igual você está vendo né, barraco é de lona, não tem! Água a gente puxou ontem [...] correndo atrás de diárias o dia a dia, é complicado”. A entrevistada também informou que mantinha financeiramente seu dia a dia com “[...] as diárias que aparecem, com o meu crochê, [...] eu sou artesã também, trabalho com bordado de chinelo, e assim vai” (SILVA, 2016).

Durante a visita pode-se perceber por meio das falas das entrevistadas diretamente e por conversas com outros acampados no percurso, que as diárias eram escassas e as que surgiam eram para serviços extremamente laboriosos e pouco remunerados. Além disso, durante a visita observou-se significativo descontentamento dos acampados quanto a omissão de ajuda do Estado e, sobretudo da assistência social do município de Rosana/SP.

O fato supracitado evidencia uma característica socioeconômica existente tanto no passado quanto no presente. As mulheres, em quase todos os cenários, são as guardiãs dos barracos de lona enquanto os homens saem a trabalhar em longas e cansativas jornadas. (GONÇALVES; THOMAZ, 2016, p.13)

Dado a estrutura social posta, as mulheres se dedicam a conservação dos alimentos, cuidado dos filhos, reuniões com as lideranças e organização das tarefas domésticas. Além disso, quase que em sua totalidade, as mulheres acampadas aprendem um novo ofício, seja aprendendo a confeccionar doces, bolos, peças artesanais e outros objetos e insumos para complementar a renda familiar, conforme observado na fala de Irinéia.

Torna-se interessante ressaltar que mesmo os problemas de ordem econômica e social serem persistentes em todos os relatos, nas mais diferentes épocas e assentamentos do município de Rosana/SP, há características de ordem física e cultural que sofreram alterações em função do tempo.

Eleonice, durante a visita discursou que *“agora está bom! Chega assim tem barraco de telha; porque quando nós ficou acampado era só o encerado, quando dava a noite, assim a madrugada, os pingos da lona começava a pingar na nossa cabeça. Agora tem ... Então agora tá bom”* (NASCIMENTO, 2016). Eleonice fez este comentário pois os barracos construídos no Acampamento dos Agregados são em sua maioria com telhas de barro ou telhas brasilite (Figura 2), paredes construídas com placas de madeira ou alumínio, fato este que não se faziam presentes no passado, pois os barracos eram cobertos com a própria lona.

8/16

Figura 2- Barraco de Lona no Acampamento dos Agregados



Fonte: Acervo Museal, acervo dos autores (2016).

O método de construção dos barracos de lona no passado, diagnosticado por meio de pesquisas anteriores nos assentamentos de Rosana/SP, assemelha-se a pesquisa participante de Sigaud (2000, p. 82) em Pernambuco, segundo o autor, os barracos:

[...] eram constituídos de barracas feitas com pedaços de madeira e cobertas com um plástico denominado lona, na maioria das vezes de cor preta e em alguns casos amarela. Em todos os acampamentos era hasteada uma bandeira vermelha com o logotipo do movimento que o organizara, MST ou Fetape. As barracas cobertas de lona e a bandeira eram elementos distintivos e absolutamente recorrentes de todos os acampamentos.

Esses métodos de construção estão relacionados aos fatores tempo e recursos financeiros. Pois os barracos de lona preta, no passado, eram construídos pois as famílias não possuíam recursos financeiros para comprar outros materiais, como placas de madeira ou alumínio, tijolos e lona amarela, por exemplo. Além disso, devido ao caráter dinâmico dos acampamentos, a necessidade premente das mudanças devido as ordens de despejo, implica na utilização da lona

e de estacas de bambu por conta da sua praticidade e facilidade de obtenção. (GONÇALVES; THOMAZ, 2017)

Neste emulo, permite-se aos pesquisadores observar a mudança dos hábitos cotidianos em decorrência do capital. Pois, mesmo com as dificuldades financeiras enfrentadas pelos acampados, os mesmos possuíam descendentes já acampados que os promoviam maior conforto em suas moradias e afazeres cotidianos.

Sobre o real objetivo do acampamento, Eleonilda afirmou que “*a gente necessita de um pedacinho de terra pra plantar e pra colher, se a gente tem um pedacinho de terra pra plantar e pra colher a gente tem tudo!*” (MOTA, 2016). Irinéia, por sua vez, afirmou que:

A gente tem projeto de pegar um lote né, e poder estar desenvolvendo [...], porque meu marido ele gosta de terra, para trabalhar, e as minhas crianças assim, pra futuramente dar uma vida melhor para eles, né. Não sei dar um estudo, mesmo que eles não fiquem dentro do lote, mas a intenção é que eles estudem pra ficar dentro do lote, para desenvolver, mas, o nosso intuito é ter um pedaço de terra (SILVA, 2016)

Deste modo, torna-se visível por meio das falas das entrevistadas o objetivo da conquista pelo lote e, sobretudo, com a premissa de obtenção de terra para sobreviver e desenvolver suas funções humanas naturais.

Os acampamentos têm como o intuito mostrar a existência dos movimentos sociais e, sobretudo, exaltar a existência de um movimento organizado e pressionar o governo Federal e Estadual em função da posse de terra indevida ou inutilizada pelos grandes proprietários de terra. Esses acampamentos podem ocorrer nas beiras das rodovias e/ou em fazendas, seguido da ocupação das mesmas, sendo que o processo de ocupar e acampar pode ocorrer inúmeras vezes durante a luta pela posse de terra. (MACHADO; GONÇALVES, 2007).

Machado (2007, p. 178) menciona alguns atos do MST, como “os acampamentos, as marchas, caminhadas, ocupações de terra e de edifícios públicos, palácio do governo, secretarias, institutos etc., ou seja, constituem suas invenções democráticas”. Em síntese, os itens supracitados são estratégias de militância para o movimento de reforma agrária.

Reafirmando o trecho citado anteriormente de Sigaud (2000) com as concepções de Machado (2007), foi possível observar durante a visita ao Acampamento dos Agregados a materialização da estratégia política que são os acampamentos, por meio de uma bandeira (Figura 3) hasteada ao centro do acampamento com um suporte de mais de quatro metros de altura.

Figura 3- Bandeira do Acampamento dos Agregados do Município de Rosana



Fonte: Acervo Museal, os autores, (2016).

Em acréscimo, a estratégia política, os acampamentos também são responsáveis pela formação cultural, política e social de seus viventes. Segundo Machado (2007):

Os acampamentos exercem um papel político-pedagógico importante sobre estes homens, mulheres e crianças que arriscam a própria vida para ter acesso à terra: em geral, as relações sociais dos acampados sofrem algumas alterações em seus comportamentos tradicionais – homens cozinham e cuidam das crianças enquanto as mulheres fazem a segurança; todos se inserem em algum setor (segurança, educação, saúde, higiene, alimentação, almoxarifado etc.) e, portanto, assumem alguma tarefa no acampamento; todos fazem curso de formação política; e crianças e adultos são alfabetizados, normalmente pelo “método Paulo Freire”. Uma das principais lições dos acampamentos é a prática da solidariedade de classe e a distribuição coletiva do que recebem como doação. As principais refeições também são compartilhadas por todos.

Deste modo, sobre os hábitos alimentares do acampamento, todas as entrevistadas detinham um fogão a gás e, algumas possuíam também o fogão a lenha no barraco. Segundo Eleonilda, a respeito do tempo de preparo de alimentos no fogão a lenha, a entrevistada afirmou que *“demora, mais, mas depois que esquenta vai rapidinho, eu cozinho feijão [...]”* (MOTA, 2016). Luciane conta que seu fogão a lenha *“fica aceso o dia inteiro, com uma panela de água, se precisar fazer um café já faz”* (SILVA, 2016).

Como o acampamento não possuía energia elétrica, a conservação dos alimentos em grande parte era feita por meio de caixas de isopor. Segundo Luciane *“é o isopor a geladeira, aí eu trago o gelo ponho aqui, aí põe as coisas, é porque senão enche de formiga as coisas de comer”* (SILVA, 2016). Sobre a conservação de carnes e outros alimentos que na temperatura ambiente correm o risco de apodrecer, Iolanda dissertou que *“[...] então a gente já tem que comprar assim, aquelas mistura que não estraga, porque se você compra assim, assim, uma carne, um frango, uma sardinha fresca, aí estraga né, então você tem que comprar mais aquelas coisas que você vê que não estraga né”* (SANTOS, 2016).

Destarte, tornar-se possível observar hábitos alimentares diferenciados da grande maioria da população brasileira pelo fato de que não é possível a compra abundante de alimentos, estocagem e a sua conservação. Bleil (1998, p.3) define hábitos alimentares como sendo “o estudo dos meios pelos quais os indivíduos, ou grupos de indivíduos, respondendo a pressões sociais e culturais, selecionam, consomem e utilizam porções do conjunto de alimentos disponíveis”.

Bleil (1998, p.4) acrescenta que “muitas vezes o consumo deste ou daquele alimento está relacionado às crenças que foram construídas por uma sociedade ao longo de sua história, as quais nem sempre estão de acordo com a ciência ou a razão”, mas que também muitos hábitos alimentares são condizentes ao poder aquisitivo e as condições atuais.

Contudo, mesmo observando a presença de fogões a lenha nas moradias do Acampamento dos Agregados, Eleonice memorou que no passado só se fazia uso do fogão a lenha e, na atualidade, a maioria dos acampados já faz uso do fogão a gás (NASCIMENTO, 2016). Além disso, o método de conservação de alimentos sofreu algumas alterações em referência aos do passado.

Eleonice memorou que *“não tinha conservação, se você comprasse alguma carne, você comprasse a mais você tinha que salgar e pôr no sol, o se não se fritava e ia comendo aos poucos”* (NASCIMENTO, 2016). Segundo Januário (2015) existem três tipos mais comuns de conservação da carne, sendo eles: a carne seca, charque e a carne de sol e, em todos eles a carne sofre um processo de desidratação, sendo que as principais diferenças estão na quantidade de sal, tempo de cura e local que ocorre o processo.

No processo da carne seca os cortes bovinos são esticados “em mantas, salgados e depois expostos ao amanhecer até que perca pelo menos 50% da sua umidade. Por levar mais sal e ter

mais tempo de exposição que a carne de sol é menos úmida e tem maior prazo de validade”. (JANUÁRIO, 2015)

O Charque “nascido no Rio Grande do Sul, tem mais tempo de preparo e mais sal que a carne seca. Os cortes exclusivamente bovinos, geralmente do dianteiro e mais gordurosos, são expostos geralmente a salga úmida, salga seca, lavagem e secagem” (JANUÁRIO, 2015). Por fim, a carne de sol, “tradicional do Nordeste, é a mais artesanal das carnes curadas. O corte (bovino ou caprino) recebe uma camada de sal fino e é deixado em locais cobertos e bem ventilados para secagem gradual, não é mais seca ao sol como antigamente”. (JANUÁRIO, 2015)

Em pesquisas anteriores com os assentados do município de Rosana/SP, evidenciou-se que os assentados também utilizavam a banha do porco para conservar os alimentos fritos, moringas para conservar a água e enterravam cabacas (moringas ou porungas) no centro de seus barracos para manter a temperatura da água. (THOMAZ; GONÇALVES, 2017, p.183)

Além de interferir no banho, conservação dos alimentos e demais afazeres da vida doméstica, a falta de energia elétrica impacta também na iluminação dos espaços no período noturno. Durante as entrevistas duas acampadas afirmaram que faziam uso da lamparina para iluminar os ambientes, enquanto as outras duas afirmaram que usavam a lamparina elétrica, uma vez que elas carregam a lamparina na casa de seus familiares durante o dia.

O uso da lamparina elétrica, ou simplesmente, de lâmpadas e lanternas movidas a pilha, diverge dos modos antigos. No passado utilizava-se as lamparinas a querosene, sendo este objeto, um dos mais significativos como receptáculo de memórias, diagnosticado durante a inventariação do projeto “O Museu do Assentado”.

Ferreira conceitua que a lamparina é um “pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, cortiça ou de metal transpassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada” (FERREIRA, 2004, p. 1178). Para Marton (2016) a lamparina “também chamada de lâmpada a óleo, existe desde a pré-história. A lamparina era simplesmente um recipiente pequeno, de barro ou metal, com uma alça em uma ponta e uma mecha de tecido em outra – igual àquela lâmpada da qual sai um gênio, segundo as lendas árabes”.

Irinéia, quando questionada sobre os dias quentes e frios no barraco de lona, esta mencionou que *“aqui corre mais vento do que lá embaixo, porque lá tinha um canavial na frente né. E aqui a preocupação maior, lá a preocupação maior seria do canavial, porque quando pegava fogo só Jesus na nossa vida, quantos tormentos nós já passamos”* (SILVA, 2016). Após essa resposta perguntou-se se as queimadas poderiam chegar ao barraco, segundo a entrevistada:

Com certeza, entre o barraco e a cana era só uma estrada que dividia, nós estávamos do lado de cá todos alinhados e o canavial. Já teve dois, três incêndios teve um que, eu entrei em um pânico tão grande, porque pegou fogo nos três cantos, pegou fogo de assim, assim e assim, então só tinha para cá para você correr, e se pega fogo em um barraco deste aqui, simplesmente, se você pegar os documentos e os filhos está de bom tamanho! (SILVA, 2016)

O discurso da entrevistada ilustra uma real preocupação a respeito do alastramento das chamas, fato esse que foi considerado para a saída da beira da rodovia e a vinda pra a agrovila. Irinéia elucidou que, além disso, na agrovila *“tem o poço, tem a escola das crianças ali, tem a água encanada aqui, a água lá debaixo não podia beber”* (SILVA, 2016).

Outro fato que culminou na mudança do acampamento foi a produção para subsistência, conforme relatado pelas entrevistadas o acampamento na beira da rodovia não estava munido de grandes espaços para o plantio de alimentos, já na agrovila os trinta e três barracos alojados

detinham de um espaço de 15m por 30m de área destinados ao plantio e construção do barraco de lona.

As diferenças entre os acampamentos do passado e do presente também foram discursadas pelas próprias acampadas. Segundo Luciane:

Meu pai falou que ficamos quatro anos embaixo do barraco, aí se vê hoje, eles te falam hoje que nós tem vantagem, hoje o nosso barraco é grande, antigamente a família minha era grande, nos era em quatorze dentro de casa, o barraco não era do tamanho daquele ali não, era mais pequeno, nós fazia aquelas tarimba uma em riba da outra, assim, era quatro capa uma trepada dentro da outra, aquele monte de moleque, aí o que dormia em riba mijava no debaixo (SILVA, 2016)

A cama de tarimba mencionada por Luciane, foi muito utilizada no passado e, agora sede espaço as camas e colchões industriais. A confecção da cama de tarimba pode ser entendido por meio das memórias de Maria José Silva, assentada pertencente a Gleba XV de Novembro, ao memorar que:

As cama era, era cama de vara, ponha uma folhas depois travessava uma travessa e ali ponhava umas varas e a gente dormia ali, não era colchão, era esteira, do aricuri que eu falei para você que tinha as palhas que cobria a casa também dava para fazer esteira, aí forrava ali em cima daquelas tábuas, daquelas varas e aí a gente dormia, quando não era no chão, no chão mesmo, sem colchão sem nada, só forrado (SILVA, 2016)

A cama de tarimba, com as forquilhas fincadas no solo, com colchão de saco (juta), preenchido com palha de milho, capim ou folhas, esteve presente em muitos dos períodos da história de vida dos entrevistados e, os saberes e fazeres sobre os modos de montar a cama e de dormir são rememorados com grande sentimentalismo por parte desses atores sociais. (GONÇALVES; THOMAZ, 2018)

Eleonice, completando as memórias bucólicas, evocou que:

Quando nós veio pro barraco, se vê, nós nem tinha água, nós era no tambor assim de duzentos litros tinha dia que amanhecia o dia aquela natona assim, a gente tinha que tirar aquela nata pra beber, com aquele gosto de ferrugem, era triste, e o fogão era de lenha, não tinha fogão a gás não (NASCIMENTO, 2016)

O comentário de Eleonice traça o perfil do seu acampamento que não detinha água encanada, energia elétrica, muito espaço e nem fogões a gás em detrimento aos acampamentos da atualidade que detêm a maioria dessas características. No entanto, os acampamentos do passado, também serviram de morada para os militantes do presente, assim como relatou Eleonice que “*porque assim, eles tá acampado, mas na verdade não é a primeira luta deles acampado, porque nós pais fiquemo, eles ficaram, então o sofrimento deles são o dobro, então o que sofreram aquela época e sofreram agora também*” (NASCIMENTO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explanado, pode-se observar que mudanças significativas ocorreram em decorrência do tempo nos acampamentos do presente, a destacar: a conservação dos alimentos, construção dos barracos, construção das camas, hábitos cotidianos, iluminação dos ambientes, usos dos recursos hídricos, hábitos alimentares e outros saberes, fazeres e dizeres.

Entende-se que as características que alteraram ao longo do tempo são fatos entendidos e extremamente compreensíveis. Sendo a cultura um elemento dinâmico, associada a inúmeros fatores que a modificam. Catenacci (2001) afirma que os traços culturais se alteraram nos últimos anos devido aos avanços tecnológicos, comunicação, economia, necessidades e desejos.

Mas, estes fatores não retiram a autenticidade do movimento ou o coloca em demérito, pois o objetivo principal não fora alterado, que é a luta e a conquista da posse da terra.

A escala tempo vem agregado há inúmeros outros fatores, influências e transformações; algumas vezes positivas e, outras vezes negativas. Mas, sempre transformantes e, o uso das transformações técnicas-científicas pode vir a favorecer os movimentos de reforma agrária uma vez que o conhecimento na era da informação é público, de fácil acesso e rápido.

As influências do global no local (MASSEY, 2000), também, não devem ser descartadas ainda mais quando nos defrontamos com a dinamicidade da cultura, que constantemente agrega e desagrega novos valores, em função do espaço-tempo, da informação, tecnologia, fluxos migratórios, processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (TDR) e outros fatores.

O título deste trabalho traz uma metáfora *a priori*: “as sementes do passado e os frutos do amanhã”. As sementes do passado são os agregados em sua infância que foram germinados junto a seus pais, que no passado lutaram e conquistaram seus lotes; já os frutos do amanhã, são os agregados em sua fase adulta, que passaram pelo processo de reforma agrária duas vezes, não desistiram da luta e, continuam a serem os frutos dos sonhos de seus pais.

Portanto, entender o passado, espelhar seus preceitos e exercita-los no presente/futuro é algo que se tornou possível visualizar no Acampamento dos Agregados, pois os objetivos do passado não deixaram de existir. E em função disso que creditamos que a existência do Museu do Assentado pode tornar-se fonte disseminadora e educadora sobre os históricos de lutas pela posse de terra no município de Rosana/SP, seja as lutas do presente e do passado e aquelas que ainda estão por vir.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por financiar as pesquisas iniciais do projeto “O Museu do Assentado”.

Também agradecemos a Fundação do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e a Prefeitura do Município de Interesse Turístico de Rosana/SP pelo apoio logístico e pelas informações prestadas em todas as fases do projeto e inventariação.

Por fim, agradecemos há cada uma das assentadas e acampadas entrevistadas que compartilharam suas memórias e tornaram possível a realização deste e, de outros trabalhos científicos e culturais.

REFERÊNCIAS

BLEIL, S. I. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudanças de hábitos no Brasil. **Cadernos de Debate**, Campinas/SP, v. VI, 1998.

CATENACCI, V. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo/SP, v. 15, n.2, abr/jun, 2001.

FERNANDES, B. M; RAMALHO, C. B. Luta pela posse de terra e desenvolvimento rural no Pontal do Paranapanema. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo/SP, v. 15, n.43, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba/PR: Positivo, 2004.

GONÇALVES, L. G. M.; THOMAZ, R. C. C. A trajetória de vida e origem como patrimônio cultural: O Museu do Assentado no município de Rosana/SP. In: XXVIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2016, Rosana/SP. **Anais...** Rosana/SP: Universidade Estadual Paulista/UNESP, 2016. v. 28. p. 15-15.

GONÇALVES, L. G. M.; THOMAZ, R. C. C. Histórias e memórias: as brincadeiras, brinquedos, mitos, cantigas, histórias e lendas rurais como patrimônio cultural rural. **Revista Geografia em Questão**, Cascavel/PR, v. 11, n. 2, 2018.

GONÇALVES, L. G. M.; THOMAZ, R. C. C. O recordar como sentido de existir: o futuro museu do assentado e as marcas da reforma agrária no município de Rosana/SP. **Revista Geográfica Acadêmica**, Boa Vista/RR, v.11, n.2, 2017. p.143-156.

GUNN, C. A perspective on the purpose and nature of tourism research methods. In: RITCHIE, J; GOELDNER, C. **Travel, Tourism and Hospitality Research: a Handbook for Managers and Researchers**. Milton: John Wiley & Sons Australia, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <[http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 19 nov. 2014.

IOKOI, Z. M. G. et al. **Vozes da terra**: histórias de vida dos assentados rurais de São Paulo. São Paulo/SP: Fundação Itesp, 2005.

JANUÁRIO, L. **Conheça as diferenças entre a carne-seca, charque e carne de sol**. Uol, 2015. Disponível em < <https://comidasebebidas.uol.com.br/noticias/redacao/2015/05/04/conheca-as-diferencas-entre-carne-seca-charque-e-carne-de-sol.amp.htm>> Acesso em: 17 set. 2017.

LANG, A. B. da S. G. Trilhas de pesquisa, convicções e diversidades In: SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B de. **Depois da utopia**: A história oral em seu tempo. São Paulo/SP: Letra e Voz: Fapesp, 2013.

LEAL, A. A.; FONSECA, G. S. Território: categoria geográfica das múltiplas perspectivas. In: 12º ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo, 2009.

LEITE, J. F. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Fundação UNESP; Hacitec, 1998.

MACHADO, E. A (des) constituição de classe no MST: dilemas da luta anti-sistêmica. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo/SP, n. 17/18. 2007.

MACHADO, E; GONÇALVES, R. Da possível constituição de classe nos acampamentos ao refluxo político-ideológico nos assentamentos do MST. **Lutas & Resistências**, Londrina/PR, n.2, p. 10-19, 1º sem. 2007.

MARTON, F. **Da lamparina ao lampião**. Super Interessante, Editora Abril, 2016.
Disponível em <<https://super.abril.com.br/cultura/da-lamparina-a-lampiao/>> Acesso em: 16
set. 2017.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da
diferença**. Campinas/SP: Papirus, 2000.

MOTA, E. M. da S. **Entrevista com Eleonilda Maria da Silva Mota cedida ao autor**.
Acampamento dos Agregados, Gleba XV de Novembro- Rosana/SP, 20 mai. 2016.

NASCIMENTO, E. M. da S. **Entrevista com Eleonice Maria da Silva Nascimento cedida
ao autor**. Acampamento dos Agregados, Gleba XV de Novembro- Rosana/SP, 20 mai. 2016.

PAIÃO, J. D. **Terras devolutas no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente/SP:
Faculdades Integradas, 2001.

SANTOS, I. N. da S. **Entrevista com Iolanda Nunes da Silva Santos cedida ao autor**.
Acampamento dos Agregados, Gleba XV de Novembro- Rosana/SP, 20 mai. 2016.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo**. São Paulo/SP: Editora da
Universidade de São Paulo, 2006.

SIGAUD, L. A forma acampamento: notas a partir da versão pernambucana. **Revista Novos
Estudos**, São Paulo/SP, v. 1. n. 58. p. 73-92. 2000.

SILVA, I. A, da. **Entrevista com Irinéia Alves da Silva cedida ao autor**. Acampamento dos
Agregados, Gleba XV de Novembro- Rosana/SP, 20 mai. 2016.

SILVA, L. B. da. **Entrevista com Luciane Benedita da Silva cedida ao autor**.
Acampamento dos Agregados, Gleba XV de Novembro- Rosana/SP, 20 mai. 2016.

SILVA, M. J. da. **Entrevista com Maria José da Silva cedida ao autor**. Gleba XV de
Novembro- Rosana/SP, 02 mai. 2016.

SOBREIRO FILHO, J. **O movimento em pedaços e os pedaços em movimento**: da
ocupação do Pontal do Paranapanema à dissensão nos movimentos socioterritoriais
camponeses. Presidente Prudente/SP: 2013.

THOMAZ, R. C. C. **Turismo, políticas e dinâmicas no meio rural**: uma contribuição ao
desenvolvimento local/Rosana/SP. UNESP. Rosana/SP: Projeto de Pesquisa, 2013.

THOMAZ, R. C. C; GONÇALVES, L. G. M. Vida e origem como essência do ser: o museu
do assentado e os traços da reforma agrária no município de Rosana/SP. In: X CONGRESSO
BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 2017, Santa Maria/RS. **Anais...** Santa Maria/RS:
UFSM, 2017. v. 1.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1992.

TV FRONTEIRA. **Marabá Paulista recebe novo assentamento com capacidade para instalar 235 famílias.** G1, Presidente Prudente/SP e Região: 30 out. 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/maraba-paulista-recebe-novo-assentamento-com-capacidade-para-instalar-235-familias.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2018.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas/SP, v. 22, ago/dez, p.203-220, 2014.